

Composing for Voices

Concerto Final



**GULBENKIAN
MÚSICA**

13 jul 2019

Composing for Voices

As peças que compõem este concerto foram realizadas no âmbito do *workshop* de composição para voz e orquestra para jovens compositores, no quadro da rede enoa (european network of opera academies). Coordenado pelo Festival d'Aix-en-Provence e tendo tido a adesão da Fundação Calouste Gulbenkian em 2011, enoa é um projeto que propõe o desenvolvimento de uma rede de cooperação europeia no domínio da ópera, do ensino da música e da formação em outras áreas associadas direta ou indiretamente à produção operática. Na base da sua criação, enoa assume a ópera enquanto forma de arte transversal a todos os países europeus, que ao mesmo tempo reflete a diversidade cultural da Europa e a sua herança comum.

ESTE WORKSHOP É REALIZADO EM COLABORAÇÃO COM A CASA FERNANDO PESSOA

enoa é presentemente constituída por 13 instituições europeias, sediadas em 10 países.

Festival d'Aix-en-Provence
Operosa
Fundación Albéniz
Fundação Calouste Gulbenkian
Bayerische Theaterakademie Munich
Snape Maltings - Aldeburgh Music
La Monnaie / De Munt
Teatr Wielki - Polish National Opera
LOD music Theatre (Ghent)
Helsinki Week Festival
Les Théâtres de La Ville de Luxembourg
Dutch National Opera
Queen Elisabeth Music Chapel, (Waterloo)

www.enoa-community.com

Projeto financiado com o apoio da Comissão Europeia. A informação contida nesta publicação vincula exclusivamente o autor, não sendo a Comissão responsável pela utilização que dela possa ser feita.

Composing for Voices

13 JULHO
SÁBADO

19:00 — Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Pedro Neves Maestro

Lara Martins Soprano

Tiago Matos Barítono

Amyra León Voz

Luis Tinoco Orientação do *Workshop*

Elisa Quarello Şahin
Good Body, I Thank Thee!

Luís Salgueiro
L'envie de rire

Carlos Lopes
Cinco Variações do Desassossego

Jug Marković
De Rerum Natura

Luís Tinoco
Sunset Song, 3.º andamento
do ciclo Search Songs

Sivan Eldar
A Women Spilled

Tiago Cabrita
Branco e Negro

Fátima Fonte
Desassossego

Eugene Birman
Message

Luís Tinoco
O Anjo da Água, 4.º andamento do ciclo
Canções do Sonhador Solitário

INTERVALO



Duração total prevista: c. 2h
Intervalo de 20 min.

Elisa Quarello Şahin



Elisa Quarello formou-se cum laude em Composição no Conservatório de Música G. B. Martini de Bolonha (Itália). Estudou Composição com Francesco Carluccio e assistiu a *masterclasses* e *workshops* com Salvatore Sciarrino, Manfred Trojahn, Luís Tinoco, Martin Crimp e Klaus Bertisch. Em janeiro de 2014 venceu o Concurso Internacional de Composição Neue Szenen II da Deutsche Oper Berlin. O júri atribuiu-lhe um prémio e a encomenda de uma nova ópera, *O.H.I.O. – ObstHaine Im Oktober*, que teve a sua estreia em abril de 2015 na Deutsche Oper Berlin. Ganhou também o Prémio de Composição Felice e Luigi Magone do Conservatório de Bolonha (2011) e a Menção Honrosa do Prémio Internacional Palazzo del Majno-Torquato Tasso (2010). As suas composições foram realizadas em salas internacionais como a Deutsche Oper Berlin, o Teatro Comunale di Bologna e o Teatro Comunale di Ferrara, e em diversos festivais. Durante os seus estudos e no âmbito das suas atividades artísticas concentrou-se na ópera, no teatro musical, na música folclórica e,

em particular, em argumentos arcaicos musicais, teatrais e textuais. Interessa-se pela composição sobre vários textos, poemas e peças escritas em diferentes idiomas, assim como pela pesquisa de um estilo musical que acompanha e aumenta a musicalidade das línguas.

Good Body, I Thank Thee!

Álvaro de Campos, Hamlet, Falstaff. “Se te queres matar, porque não te queres matar?”, um dos mais famosos poemas de Campos-Fernando Pessoa, é, sem dúvida, grato ao famoso solilóquio de Hamlet, “Ser ou não ser” de William Shakespeare. No poema, Álvaro de Campos desconstrói a lógica do medo de Hamlet do “país não descoberto” e argumenta que nada é conhecido. Em qualquer caso, além disso, ele apresenta um exemplo oposto de visão de mundo contra Hamlet: Falstaff. A partir da seleção de versos de “Se te queres matar”, “Ser ou não ser” e do monólogo de Falstaff do II ato de “As alegres comadres de Windsor”, a compositora criou um novo texto em português e inglês com uma rica dramaturgia entre as vozes. Analogias e contrastes entre Campos, Hamlet e Falstaff seguem-se continuamente uns aos outros, resultando numa composição fascinante com tons trágicos, sugestivos, sarcásticos e até grotescos.

—

Texto elaborado pela compositora a partir de poemas de Álvaro de Campos-Fernando Pessoa e de William Shakespeare

Suffer...slings...

Se te queres matar,...

To suffer the slings and arrows...

...porque não te queres matar?

...or to take arms and by opposing end them?

Ah, aproveita!

The dread after death!

O pavor do desconhecido?

Something, after...

Tens o pavor do desconhecido?

The dread of something after death!

The undiscover'd country!

O que é conhecido?

The undiscover'd country from whose bourn no traveler returns...

To be or not to be! That is the question!

To die – to sleep.

Ah, se ousares, ousa!

To die, to sleep. No more.

Ah, se ousare, ousa!

Que eu, que tanto amo a morte e a vida, se ousasse matar-me, também me mataria...

To die, to sleep,

to sleep, perchance to dream...

Dispersa-te, sistema físico-químico,

...to sleep, to dream...

Dispersa-te...

GOOD BODY, I THANK THEE!

Fazes falta?

Will they yet look after thee?

Ninguém faz falta: não fazes falta a ninguém!

I'll make more of thy old body than I have done!

More than I have done!

O amor gorduroso da vida!!

Se assim a amas materialmente, ama-a ainda mais materialmente.

Let them say 'tis grossly done;...

Torna-te parte carnal da terra e das coisas!

...so it be fairly done, no matter!

Good body, I thank thee.

Luís Salgueiro



Luís Salgueiro é compositor de música instrumental, eletrónica e mista. Licenciou-se em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa, onde estudou sob a orientação dos professores António Pinho Vargas, Carlos Marecos e Luís Tinoco. A sua música já se fez ouvir em algumas das salas de espetáculos mais importantes do país, como o são a Fundação Calouste Gulbenkian, a Sala Suggia da Casa da Música, o Salão Nobre do Conservatório Nacional, o Palácio da Ajuda, São Luiz Teatro Municipal, Lisboa Incomum, Fórum Luísa Todi ou o Teatro Aveirense. Para além do seu trabalho criativo, destaca-se o seu corpo de trabalho nas áreas da edição e da musicografia, com especial ênfase na música nova e no repertório do século xx. Contribuí, nessas valências, para algumas das mais históricas casas de edição europeias, como o são a Peters, a Casa Ricordi ou o grupo Durand–Salabert–Eschig. Coordena as atividades editoriais do MPMP, movimento patrimonial pela música portuguesa, no que às partituras concerne, e partilha a direção de conteúdos da revista *Glosas* com José Carlos Araújo.

L'envie de rire

Le coupable — “o culpado”, mas também “o cortado” ou “cortável”, do verbo francês *couper* — é um autorretrato do escritor francês Georges Bataille. Chamamos-lhe retrato pois, ao contrário de uma autobiografia, não é narrada uma história de vida que anteceda o ato de escrever. Os escritos não se organizam sob a forma de diário ou romance epistolar: qualquer continuidade narrativa ou cronológica é preterida face a uma colagem de vários temas, com reflexões místicas a irromperem por entre descrições do quotidiano, e vice-versa, numa construção semelhante à de Pessoa no *Livro do Desassossego*. Pese embora o texto — nuamente autobiográfico e escrito sobre condições terrivelmente difíceis — seja pautado por um tom questionante e sombrio, Bataille não abdica nunca do riso. “*Rire de l'univers libérerait ma vie. J'échappe à la pesanteur en riant. Je me refuse à la traduction intellectuelle de ce rire: l'esclavage recommencerait à partir de là*”. “Rir do universo liberta a minha vida. Escapo do pesar rindo. Recuso-me a fazer a tradução intelectual deste riso: a escravatura recomeçaria a partir daí.

L'envie de rire

*Toujours j'ai reculé devant l'échéance:
j'avais peur d'être ce que j'étais:
LE RIRE MÊME!*

*Si je ris maintenant,
je puis payer ce rire au prix
de douleurs excessives.
Je puis rire du fond d'une misère infinie.
Je puis rire aussi bien maintenu par la chance.*

*Ah! puissé-je en mourir...
On meurt sans phrases aujourd'hui.
Le dernier act est dur — évidemment.
Qu'ai-je à dire d'autre?
Ma volonté: le ruisseau qui s'écoule.*

*Je suis à peine un homme. Magistral, je démontre...?
je rêve.
Et je m'écoule, ignorant qui je suis, sinon que je m'enivre
et que j'enivre.*

*Immense aléa.
il est violent,
tout est brisé, j'ai le sentiment de l'inexorable —
que j'aime. Je suis d'accord avec l'inexorable.
Nécessité, au besoin,
du danger fabriqué —
de l'angoisse —
afin de maintenir le mouvement.
L'angoisse est la peur,
elle est en même temps le désir de se perdre
(un être isolé doit se perdre, il doit,
en se perdant,
communiquer).*

*Il s'agit d'approcher la mort d'aussi près qu'on peut
l'endurer.
Sans défaillir — s'il le faut, même
en défaillant.*

... et, s'il le faut, même en mourant.

*Georges Bataille (1973). Œuvres complètes V:
La Somme Athéologique, Tome 1. Le coupable.
La divinité du rire: 2 L'envie de rire. Paris: Éditions
Gallimard.*

Sempre recuei ante a vinda do fim:
temia ser aquilo que era:
O PRÓPRIO RISO!

Se agora me rio,
posso pagar este riso à custa
de dores excessivas.
Posso rir-me do fundo de uma miséria infinda.
Posso também rir-me sustido pelo acaso.

Ah! pudesse eu morrer de fazê-lo...
Morre-se sem frases nos dias que correm.
O último ato é duro — com certeza.
Que mais posso eu dizer?

A minha vontade: o riacho que flui.
Mal posso dizer-me homem. Magistral,
demonstro...? Sonho.
E vou escorrendo, sem saber quem sou,
fora inebriar-me e inebriar.

Imenso acaso.

É violento,
tudo se quebrou, dá-me a impressão do inexorável
—
que eu amo. Estou de acordo com o inexorável.

Necessidade, se preciso,
do perigo fabricado —
da angústia —
no fito de manter o movimento.

A angústia é o medo,
é ao mesmo tempo o desejo de se perder
(um ser à parte deve perder-se, deve,
ao perder-se,
comunicar).

Trata-se de abordar a morte o mais perto que se
consiga.
Sem fraquejar — se for preciso, até
fraquejando.

... e, se for preciso, até morrendo.

TRADUÇÃO DE LINGUAEMUNDI

Carlos Lopes



Carlos Lopes nasceu em 1995, é natural de Guimarães. Ingressou no Centro de Cultura Musical no ano de 2007, concluindo o Curso Complementar de Piano na classe da professora Cristina Lima, em 2013. Estudou percussão com o professor Francisco Soares e integrou frequentemente a orquestra ARTAVE. Em 2013, foi-lhe atribuído o prémio de mérito escolar Dra. Manuela Carvalho, sendo selecionado como solista para tocar com a orquestra da escola. Frequentou a Licenciatura em Piano na ESMAE, de 2013 a 2017, que concluiu na classe do professor Constantin Sandu. Em 2016, iniciou a sua Licenciatura em Composição na mesma instituição. Em julho de 2018, obteve o 2.º Prémio APMPV no 11.º Concurso Internacional de Composição da Póvoa de Varzim com a obra *Tragoidia*, para quarteto de cordas. Atualmente, frequenta o 3.º ano da Licenciatura em Composição na ESMAE, orientado pelo professor Dimitrios Andrikopoulos. Integra frequentemente a orquestra ESMAE e grupos de música contemporânea, no âmbito do curso de composição.

Cinco Variações do Desassossego

É uma obra para orquestra sinfónica e barítono que tem por base textos e poemas íntimos de Fernando Pessoa. Tal como o nome indica, está dividida em cinco secções concebidas através de processos de variação rítmica, melódica e tímbrica, aplicados a um material sonoro comum (Tema) que nunca é apresentado de forma evidente. Com o decorrer da obra, verifica-se um aumento de tensão e instabilidade, provocado pela crescente sobreposição de processos de variação. A simultaneidade progressiva de matéria sonora gera uma acumulação acentuada de estratos musicais, que confluem num final violento. As texturas e nuances que surgem dos vários métodos de variação pretendem representar as subtilidades e o lado mais enigmático do pensamento de Pessoa, bem como o profundo conflito existencial que a maior parte dos seus textos transpõe.

Cansa ser, sentir dói, pensar destrui.

Cansa ser, sentir dói, pensar destrui.
Alheia a nós, em nós e fora,
Rui a hora, e tudo nela rui.
Inutilmente a alma o chora.
De que serve? O que é que tem que servir?
Pálido esboço leve
Do sol de Inverno sobre meu leito a sorrir...
Vago sussurro breve.
Das pequenas vozes com que a manhã acorda,
Da fútil promessa do dia,
Morta ao nascer, na esperança longínqua e absurda
Em que a alma se fia.

(1-1-1921) PESSOA, Fernando.
Poesias Inéditas (1919-1930). Lisboa: Ática, 1956

Ficarei o Inferno de ser Eu, a Limitação Absoluta

Ficarei o Inferno de ser Eu, a Limitação Absoluta, Expulsão-Ser do Universo longínquo! Ficarei nem Deus, nem homem, nem mundo, mero vácuo-pessoa, infinito de Nada consciente, pavor sem nome, exilado do próprio mistério, da própria Vida. Habitarei eternamente o deserto morto de mim, erro abstracto da criação que me deixou atrás. Arderá em mim eternamente, inutilmente, a ânsia (estéril) do regresso a ser. Não poderei sentir porque não terei matéria com que sintá, não poderei respirar [?] alegria, ou ódio, ou horror, porque não tenho nem a faculdade com que o sintá, consciência abstracta no inferno do não conter nada, não-Conteúdo Absoluto, [Sufocação] absoluta e eterna! Oco de Deus, sem universo, (...).

Há entre mim e o mundo uma névoa que impede que eu veja as coisas...

Há entre mim e o mundo uma névoa que impede que eu veja as coisas como verdadeiramente são — como são para os outros. Sinto isto.

(1915) PESSOA, Fernando.
Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Lisboa: Ática, 1966

Jug Marković



Jug Marković nasceu em Belgrado (1987), onde se formou em Filosofia e Música. Além dos seus principais professores Vlastimir Trajković e Zoran Erić, ele foi muitas vezes orientado pelo compositor britânico Michael Finnissy. A sua música foi tocada em festivais de música relevantes na Europa, como a Donaueschinger Musiktage, o Festival d'Aix-en-Provence e o ISCM World Music Days. A sua peça *Vokativ* (para orquestra) foi selecionada pelo International Music Council como uma das “peças recomendadas” no 65.º Internacional Rostrum of Composers.

Marković venceu o prémio 2019 ISCM Young Composers Award com o coral *Nirvana* e é também vencedor do prémio TENSO jovens compositores de 2017. Frequentou a Academia Impuls de Música Contemporânea em Graz (2017), foi também participante do 47.º Darmstadt Course, academia ManiFeste Oficina de jovens compositores TENSO 2017, Programa Jovens Artistas Britten Pears (2017), IDEA Divertimento Ensemble Academy (2018) e Academia de Música Donaueschingen (2014).

Em junho, o Ensemble Intercontemporain estreou o trabalho de Marković *Kammerkonzert* n.º 2 (para 12 instrumentos) durante o Manifeste 2019 em Paris. Outras colaborações com grupos e formações instrumentais incluem o Klangforum Wien, o Divertimento Ensemble, o Latvian Radio Choir, o Chamber Choir Ireland, Construction Site New Music Ensemble, RTS Symphony Orchestra. Jug Marković acredita em composições altamente intuitivas, sem intenção e guiadas pela paixão.

De Rerum Natura

Sempre me senti perto da antiguidade, das suas personagens, mitologias, ensinamentos, histórias e linguagens. A minha peça *De Rerum Natura* (Sobre a Natureza das Coisas) é, portanto, baseado no excerto do texto do mesmo nome do escritor romano Titus Lucretius Carus (99 aC - 55 aC).

Lucrecio explora a natureza da mente e da alma, da sensação e do pensamento; o desenvolvimento do mundo e os seus fenómenos celestes e terrestres. Na minha obra, as palavras de Lucrecio são justapostas a belos versos de Fernando Pessoa. Os dois textos aparentemente não relacionados complementam-se, explicam-se mutuamente e proporcionam um ao outro um contexto em que adquirem significados adicionais e sentimentos adicionais.

Esteticamente falando, esta peça, assim como muitas das minhas outras peças, é uma sublimação das incursões musicais recentes que mais me seduzem. Eu nunca tentei fugir dos modelos. Pelo contrário, prefiro que sejam ouvidos nas peças que escrevo. Além disso, esta peça também é influenciada pela música sacra bizantina que tem sido uma força motriz importante para mim ultimamente.

—

De Rerum Natura

Lucrecio (99 a.C. – c. 55 a.C.)
(excertos)

*Tanto opere in dubiis trepidare periculis
quae mala nos subigit vitai tanta cupido?
Certe equide finis vitae mortalibus adstat
nec devitari letum pote quin obeamus.
Praeterea versamur ibidem atque insumus usque,
nec nova vivendo procuditur ulla voluptas;
sed dum abest quod avemus, id exuperare
videtur cetera:
post aliud, cum contigit illud, avemus
et sitiis aequa tenet vitai semper hiantis.
Posteraque in dubiis fortunam quam vehat aetas,
quidve ferat nobis casus quive exitus instet.
Nec prorsum vitam ducendo demimus hilum
tempore de mortis nec delibare valemus,
quo minus esse diu possimus forte perempti.
Proinde licet quot vis vivendo condere saecla:
mors aeterna tamen nilo minus illa manebit,
nec minus ille diu iam non erit, ex hodierno
lumine qui finem vitai fecit, et ille,
mensibus atque annis qui multis occidit ante.*

Adeais, que tenebroso furor da vida nos sujeita a tamanho tremor entre o perigo e a dúvida? Certo é o termo que a vida fixa aos mortais e não pode evitar-se o chamamento da ruína. Uma e outra vez cruzamos o mesmo lugar, pertencemos-lhe, sem que a vida nos forje prazer novo algum; a ausência do que queremos parece superar tudo o mais: outro desejo, cumprido o anterior, renova a sede de vida que nos mantém a boca aberta. Acresce a incerteza da sorte que o tempo carrega, que o acaso traz ou que o fim nos reserva. Nem prolongando a vida logramos subtrair um instante à duração da morte, nem porventura demorarmo-nos um pouco menos depois. Bem podes contar em vida quantos séculos quiseres: a morte eterna ficará, contudo, na mesma espera

e, nela, tanto se tardará quem do amanhecer de hoje fez o seu fim quanto aquele cujo sol há já longos meses e anos se pôs.

The Keeper of Sheep II

Fernando Pessoa (1888 – 1935)
(excertos)

*...I believe in a world as in a daisy...
translated and used in Latin :
Credo in mundum sicut in bellidem
...My gaze is clear like a sunflower...
translated and used in Latin :
Conspectus meus clarus est sicut helianthus*

(...) Creio no Mundo como num malmequer (...)
traduzido e usado em latim :
Credo in mundum sicut in bellidem
(...) O meu olhar é nítido como um girassol (...)
traduzido e usado em latim:
Conspectus meus clarus est sicut helianthus

TRADUÇÕES DE LINGUAEMUNDI

Luís Tinoco



Luís Tinoco (n.1969) formou-se na Escola Superior de Música de Lisboa. Mais tarde, completou um Mestrado na Royal Academy of Music e um Doutoramento na University of York, no Reino Unido. Desde 2000, colabora com a Antena 2 / RTP como autor de programas radiofónicos sobre a música dos séculos XX / XXI. Para a mesma rádio, é responsável pela direção artística do Prémio e Festival Jovens Músicos. Dedicou-se ao ensino lecionando na Escola Superior de Música de Lisboa. Como compositor, o seu catálogo inclui obras para música de câmara, orquestra e cena. A sua música é publicada pela University of York Music Press e está disponível em CDs comerciais editados pelas etiquetas Odradek, Naxos e Lorelt, entre outras. Em 2016 obteve o título de “Associate of the Royal Academy of Music” e, no ano seguinte, assumiu o cargo de Compositor Residente no Teatro Nacional de São Carlos.

Search Songs

Alexander Search surge frequentemente referido como um ponto de partida, como uma criação que prepara e antecipa toda uma série de temas que reconhecemos na obra pessoal posterior. Para o meu trabalho de escrita musical interessou-me essencialmente a ideia de busca e de procura, de inconformismo e insatisfação, de ansiedade e de estranheza, o medo da loucura, o interrogar os mistérios da existência e do próprio mundo. Interessou-me, também, uma certa ingenuidade e, por vezes, as imperfeições próprias de uma escrita juvenil. Procurei abordar a poesia de Search como quem visita a génese de um fenómeno. Como escreve Luísa Freire no posfácio das suas muito inspiradas traduções da poesia de Alexander Search, (...) foi o eclodir dessa escrita a quatro vozes e a produção genial que se lhe seguiu, em português, que tornaram Pessoa notável e lhe conferiram a grandeza que todos conhecemos. No entanto, essa manifestação de alteridade não foi completamente nova então, nem a poesia de Pessoa nasceu logo perfeita e acabada. (...)

—

Search Songs (2007)

3.º andamento: *Sunset Song* (poema de Alexander Search / F. Pessoa - 1907)
Encomenda do Festival de Música do Estoril

*Leaning my chin on my hands,
I looked far away to sea
Where the dying sunset a sense commands
Of half-mystical majesty.
And I felt a strange sorrow, a fear,
A desire like a sudden love
For something that is not here
And that I can never have.*

À distancia contemplei o mar
Pousando o queixo sobre a minha mão,
Quando o sol dá, no poente a findar,
Um sentido místico de imensidão.

E uma estranha pena, um medo senti,
Um certo desejo, qual súbito amar,
De uma coisa que não está aqui
E que nunca poderei alcançar.

TRADUÇÃO: LUÍSA FREIRE (ED. ASSÍRIO & ALVIM)

Canções do Sonhador Solitário (2011)

4.º andamento: *O Anjo da Água*
(texto de Almeida Faria - 2011)
Encomenda do Serviço Educativo da Casa da Música

O Anjo da Água
É um anjo mulher
De asas abertas
Como se com elas quisesse
Proteger o universo
Um anjo de olhar fluido
Olhar de águas fugidias
Um anjo andante
De vestido ondulante
Um anjo descalço
Correndo, sobrevoando quase
As águas apressadas
Da cascata circular
De onde as águas
Tombam mansas
Na água redonda

Agora vá, e leve consigo
Essa alegria de estar vivo
Vá, e leve consigo
O difícil equilíbrio
Entre a arte de esquecer
E a traiçoeira arte de lembrar
A enganosa arte da memória
Vá sem olhar para trás
Sem olhar para mim
Quando sair

E se aqui voltar
Amanhã ou mais tarde
Amanhã ou noutro dia qualquer
Ao sair não olhe para trás

Os Passeios do Sonhador Solitário

Compus a cantata *Os Passeios do Sonhador Solitário* muito por “culpa” de Almeida Faria e da riqueza das suas palavras que pude descobrir em romances como *Rumor Branco* ou *A Paixão*. A sua escrita é fértil em imagens com potencialidades sonoras de uma rara beleza. *Rumor Branco*, por exemplo, é um título que nasce do som e que ultrapassa a fronteira das palavras, transformando-se em música. Ou, provavelmente, é uma imagem que nasce da música e que ganha corpo através das palavras. Esta riqueza encontrei-a, também, no seu conto *Passeios do Sonhador Solitário* e, de imediato, senti vontade e o desejo de o transportar para um (outro) universo musical. Um ano após a estreia da cantata revi algumas árias e excertos, transformando-os num ciclo de canções que foi então gravado por Raquel Camarinha e pela Orquestra Gulbenkian para o CD *Round Time* (ed. Naxos). No entanto, esta nova versão / ciclo de canções nunca chegou a ter uma estreia em concerto e, como tal, o andamento que hoje apresentamos será escutado em primeira audição pública.

Sivan Eldar



Natural de Tel Aviv, Sivan Eldar fez estudos superiores de composição no New England Conservatory (BM) e na UC Berkeley (doutoramento), onde estudou, principalmente, com Franck Bedrossian e Edmund Campion, tendo colaborado frequentemente com o Center for New Music and Audio Technologies. Formou-se ainda em música computacional pelo IRCAM (2016-17), sob a orientação de Hèctor Parra. O trabalho que tem desenvolvido atualmente implica uma colaboração próxima com artistas das áreas do teatro, da dança e das artes visuais. Contou com o apoio Fulbright Foundation, Cité Internationale des Arts, enoa/Snape Maltings, Festival d'Aix-en-Provence e Hertz Foundation, entre outras instituições. As suas atuações recentes em Festivais incluem ManiFeste-Centre Pompidou, Rainy Days-Luxembourg Philharmonie, Présences-Maison de la Radio, Ultraschall Berlin e Prague Spring. Sivan trabalha, presentemente, com a Orchestre de Chambre de Paris (Théâtre de Châtelet), a Opéra Orchestre Nationale Montpellier (Opéra Comédie) e o Accentus Choir (La Seine Musicale). Em coautoria com a dramaturga Cordelia Lynn, está a escrever a sua primeira ópera, *Like flesh*, uma encomenda da Lille Opera e do IRCAM, com o ensemble

Le Balcon, para a primavera de 2022. A sua música é editada pela Durand/Universal Music Classical, Paris.

A Woman Spilled

Vertida em muitas, porém movendo-se numa só. *A Woman Spilled* (Uma Mulher Vertida), inspirada pelas multiplicidades de Pessoa, é uma exploração das diferentes personalidades que coexistem numa só carne. O violoncelo e a voz surgem como dois solistas num mar de corpos, a orquestra. Respiram, pulsantes – um é arrastado enquanto o outro flutua. Trata-se de um processo de descoberta, ao nível do timbre, da letra e da dramaturgia. *A Woman Spilled* é um trabalho em curso, criado em colaboração com a cantora e poetisa Amyra León. Trata-se da primeira versão de um trabalho mais amplo encomendado pela Orchestre de Chambre de Paris e pela Opéra Orchestre Nationale Montpellier.

—
Texto improvisado.
(excertos)

*There's something
in the water
It's killing
our flowers.*

*There's something
in the water
It's poisoning
our daughters*

Há algo dentro
da água
Está a matar
as nossas flores.

Há algo
Dentro da água
Está a envenenar
as nossas filhas

TRADUÇÃO DE LINGUAEMUNDI

Tiago Cabrita



Tiago Cabrita estudou com João Madureira, Luís Tinoco e Carlos Marecos e concluiu o Mestrado em Música (Composição) com orientação de António Pinho Vargas e Carlos Marecos na Escola Superior de Música de Lisboa. Realizou *masterclasses* e *workshops* de Composição e Orquestração com Peter Hamel, Ertugrul Sevsay, Marc-André Dalbavie, Emmanuel Nunes, Christopher Bochmann, Julian Phillips, entre outros.

A sua música foi tocada no Workshop para Jovens Compositores da Orquestra Gulbenkian, no Festival Música Viva, no Prémio Jovens Músicos/RTP-Antena 2, no Festival ao Largo do Teatro Nacional de São Carlos. Diversos agrupamentos como a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Sinfonietta de Lisboa, a Orquestra Sinfónica Juvenil, o Coro Ricercare, o Duo Pianissimo, AI Duo e os Virtuoso Soloists têm tocado a sua música. Colaborou com Beatriz Batarda ao musicar a leitura encenada de “Odisseia” de Maria Alberta Menéres no Castelo de São Jorge. O seu percurso tem merecido destaque no domínio da composição operática, nomeadamente a Ópera curta *A Vida Inteira* (2011), com libreto

de António Carlos Cortez, dirigida por João Paulo Santos e encenada por Luís Miguel Cintra no Teatro de S. Carlos; a Ópera *O Deus do Vulcão* (2015) – libreto de Hugo Mezena e direção musical de Osvaldo Ferreira no Festival ao Largo e, por último, *O Jardim* (2010, estreia em 2017), apresentada no Palácio Nacional da Ajuda com libreto de António Carlos Cortez, encenação de Sílvia Mateus e direção musical de Carlos Marecos. Leciona no Colégio Moderno desde 2007 e na Escola de Música do Colégio Moderno desde a sua fundação, em 2012.

Branco e Negro

O primeiro e talvez mais longo e demorado passo desta peça foi o processo de escolha de um poema do universo poético de Fernando Pessoa. Demorei-me em muitos, selecionei vários, mas depois de encontrar este poema de Álvaro de Campos pareceu-me evidente que a escolha teria que recair sobre este texto. Nele sugere-se a ideia de que podemos estar presentes na ausência. Nele moram os vários ecos que o passado pode ter no presente, as marcas que as pessoas e as coisas ausentes deixam na nossa vida. Os nossos (bons e maus) fantasmas. E esta peça, funcionando como um reflexo dela própria, é também feita de sussurros, ecos, ímpetos e outros momentos em que o passado é suave como o veludo e os sonhos. Dedico esta peça aos meus Pais, Joana e José, ao meu irmão Miguel e à memória das minhas duas Avós, Emília e Vitória.

Branco e Negro

Penso em ti no silêncio da noite,
quando tudo é nada,
E os ruídos que há no silêncio são
o próprio silêncio,
Então, sozinho de mim, passageiro parado
De uma viagem em Deus, inutilmente penso
em ti.

Todo o passado, em que foste um momento eterno
É como este silêncio de tudo.
Todo o perdido, em que foste o que mais perdi,
É como estes ruídos,
Todo o inútil, em que foste o que não houvera de ser
É como o nada por ser neste silêncio nocturno.

Tenho visto morrer, ou ouvido que morrem,
Quantos amei ou conheci,
Tenho visto não saber mais nada deles
de tantos que foram
Comigo, e pouco importa se foi um homem
ou uma conversa;
Ou um povo omitido do mundo
E o mundo hoje para mim é um cemitério de noite
Branco e negro de campas e árvores e de luar alheio
E é neste sossego absurdo de mim e de tudo
que penso em ti.

Fátima Fonte



Fátima Fonte (1983) estudou composição na ESMAE (Porto) e no Conservatório de Música de Amesterdão, com Richard Ayres. No âmbito do mestrado colaborou também com o Nieuw Ensemble, que tocou as suas peças *Sul e Lavava y suspirava* no Concertgebouw (Amesterdão) e em outras salas de concerto holandesas. Como parte de seu interesse em música vocal e diferentes tradições musicais, esteve na Índia a estudar música hindustani com a cantora Aparna Gurav como bolsreira da Fundação Oriente. Icarus Ensemble tocou a sua peça *Floating* em Itália e no Huddersfield Contemporary Music Festival 2012 (Reino Unido). A peça *The Bird in the Garden*, composta para o Young Composers Meeting em Apeldoorn (Holanda), foi interpretada pela Orkest de Ereprijs na Gaudeamus Music Week (2013). Nos últimos anos tem trabalhado intensamente com música de cena em Portugal. Na temporada 2017-2018 foi Jovem Compositora Associada ao Teatro Nacional de São Carlos, e atualmente colabora com várias companhias de teatro do Porto.

Desassossego

Esta peça tem duas partes, a que correspondem dois textos de Fernando Pessoa. O poema *Leve, breve, suave* inicia com a surpresa de um canto de pássaro ao despontar do dia. No entanto, a própria consciência da escuta parece fazer com que o canto finde abruptamente; a melancolia da perda e a impossibilidade de sentir *prazer a durar* concluem o poema. O segundo texto é uma entrada muito curta do *Livro do Desassossego*; descreve o movimento da luz do luar na água do rio e do mar. A minha composição procura seguir o percurso traçado por estes dois textos – um primeiro momento leve e lúdico ganha densidade até cair num espaço rarefeito e fragmentado, concluindo com a passagem luminosa do *Livro do Desassossego*.

Leve, breve, suave

Leve, breve, suave
Um canto de ave
Sobe no ar com que principia
O dia
Escuto, e passou...
Parece que foi só porque escutei
Que parou.

Nunca, nunca, em nada
Raie a madrugada,
Ou esplenda o dia, ou doire no declive
Tive
Prazer a durar
Mais do que o nada, a perda, antes de eu o ir
Gozar.”

(Poema de Fernando Pessoa, in *Poesias*.)

“Surge dos lados do oriente a luz loura do luar
de ouro. O rastro que faz no rio largo abre
serpentes no mar.”

(Texto de Fernando Pessoa /
Bernardo Soares, in *Livro do Desassossego*.)

Eugene Birman



Um compositor de música de “grande drama” e “intensa emoção” (BBC) “ao mesmo tempo engenhoso, hipnótico, corajoso e belo” (Festival Internazionale AF Lavagnino), Eugene Birman (n. 1987) escreveu para orquestras sinfónicas (London Philharmonic, Minnesota Orchestra), corais (BBC Singers, Coro da Rádio da Letónia, Eric Ericsons Kammarkör) e para grupos e solistas de renome (Maxim Vengerov, Maurizio Ben Omar, etc.) em quatro continentes e em locais que vão do Southbank Centre de Londres ao Carnegie Hall. A sua carreira, de grande visibilidade - com aparições na CNN, na BBC World TV, na Radio France, na Deutsche Welle e noutras cadeias - é caracterizada por se focar de forma destemida, nas suas composições, em temas socialmente relevantes e de larga escala que cobrem a crise financeira, tratados de fronteira russos e muito mais. Comissários e parceiros do trabalho de Birman estendem-se para além das salas de concertos a importantes organismos internacionais como a União Europeia, o Ministério dos Negócios Estrangeiros austríaco e a RAE de Hong Kong, bem como através de bolsas de estudo da

Fundação John Simon Guggenheim (2018) e do Programa Fulbright do Departamento de Estado dos EUA (2010-11). Mais recentemente, Birman recebeu o Prémio de Composição da Royal Philharmonic Society 2017, o que o levou a uma temporada como compositor em residência no Southbank Centre e à sua estreia mundial com a Orquestra Philharmonia no Royal Festival Hall, e o apontou como o único Artista-Residente do Helsinque 2018 Festival, o maior evento cultural anual da Finlândia. Doutor em Filosofia pela Universidade de Oxford, Birman também é graduado pela Columbia University, pela Juilliard School e pela Accademia Musicale Chigiana.

Message

É uma coisa tão natural responder que até os penhascos irregulares o fazem produzindo ecos das nossas vozes. Em sentido contrário, é uma violência tão grande não responder àquela natureza que fez surdos aqueles que nasceram mudos, pois se eles ouvissem, e fossem incapazes de responder, eles se despedaçariam de dor. Foi quando ficou em silêncio que Vieira escreveu isto. Silêncio, o seu ato mais violento. Pessoa deu voz ao seu antecessor de muitos séculos, trocou as falésias pelo atlântico negro sem palavras, e escreveu o futuro da história de Vieira. Eu, que não falo, nem leio, nem sequer pronuncio português, proponho, humildemente, um trabalho que é um nada e que é tudo, um reflexo de alguma forma momentânea de Pessoa, claro, mas do que é o mais poderoso heterónimo de Pessoa além de todos outros - o próprio Portugal. Eu devo muito a Yvette Centeno por fornecer um contexto, uma inspiração e uma direção para tudo o que se segue.

—

Os Portugueses foram aqueles cavaleiros a quem Cristo abriu o primeiro caminho pelo mar: Viam fecisti mari equis tuis. Os Portugueses,

aqueles cavaleiros que pisaram as ondas do mar, como os cavalos pisam o lodo da terra: In luto aquarum multarum; e as naus dos Portugueses, aquelas carroças que levavam pelo mar a Fé, a salvação: Et quadrigae tuae salvatio. E a primeira empresa e vitória desta cavalaria de Cristo foi a sujeição do mesmo mar bravo, soberbo, furioso e indignado, que ou Cristo lhe sujeitou a eles, ou eles o sujeitaram também a Cristo, para que o reconhecesse e adorasse.

Antonio Vieira, *Historia do Futuro I*

First/ Night The Times, Message

*We want to go seeking them, from this servile
Prison of ours, so vile;
It is the search for who we are, in the distance
Of us; look, our raised hands –
To God - in fever of yearning.*

But God does not grant us leave for the journey.

Primeiro/ Noite The Times, In Mensagem

*Queremos sair à sua procura, desta servil
Prisão nossa, tão vil;
É a busca de quem somos, lá ao longe
De nós; olhai-nos, de mãos erguidas –
A Deus – na febre do anseio.*

Mas Deus não nos concede a graça da viagem.

Second / Storm The Times, Mensagem

*What's in the abyss under the rising seas?
Power to be: us, Portugal.*

Segundo / Tempestade Mensagem

*O que há no abismo sob os mares que sobem?
Poder de ser: nós, Portugal.*

TRADUÇÕES DE LINGUAEMUNDI

Pedro Neves



Natural de Águeda, Pedro Neves é o Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho e professor na Academia Nacional Superior de Orquestra. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve e Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. Iniciou o seu percurso musical no Conservatório de Aveiro, onde estudou violoncelo. Como bolsheiro da Fundação Gulbenkian, trabalhou com Marçal Cervera na Escola Juan Pedro Carrero, em Barcelona. Estudou direção de orquestra com Jean-Marc Burfin na Academia Nacional Superior de Orquestra e com Emílio Pomarico, em Milão. Foi premiado no concurso da Juventude Musical Portuguesa e no Prémio Jovens Músicos. Dirige regularmente as principais orquestras portuguesas, tendo estreado várias obras de compositores contemporâneos. Com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Remix Ensemble – Casa da Música, realizou digressões na Coreia do Sul e no Japão. É fundador da Camerata Alma Mater, grupo dedicado à interpretação do repertório para orquestra de cordas.

Lara Martins



Lara Martins é uma das cantoras portuguesas com maior difusão internacional da atualidade. Uma artista que alia a excelência do seu instrumento vocal a uma grande sensibilidade e talento no domínio musical e dramático. Esse perfil traduz-se na capacidade de brilhar com igual mestria na ópera ou no teatro musical, onde foi uma das principais estrelas da produção de *The Phantom of the Opera*, no mítico West End de Londres. Desenvolveu a sua formação na Guildhall School of Music and Drama, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. Os seus dotes de elevado requinte cedo se evidenciaram, vindo a cantora a acabar o respetivo curso com a mais alta classificação. Desde então tem encantado alguns dos mais importantes palcos europeus, acompanhada por orquestras de topo. O seu repertório, abrangente, é revelador de uma artista com uma versatilidade pouco usual: viaja desde Mozart até Sondheim, passando por compositores tão diversos como Donizetti, Richard Strauss, Manuel de Falla, Kurt Weill, Gershwin, Bernstein ou A. Lloyd Weber.

Tiago Matos



Durante a temporada 2018/19 Tiago Matos integra o elenco da nova produção da Académie de l'Opéra National de Paris da ópera de *Die Fledermaus* (J. Strauss), interpretando Frank, e é Moralès em *Carmen* (Bizet) na digressão por França da companhia Opéra en plein Air. Será também *Jupiter* na ópera *Orphée aux Enfers* (Offenbach) em Maputo, Moçambique, uma co-produção entre a Associação Plateia Protagonista, o projeto *À la Joie... e Xiquitsi*. Em Outubro regressará à Opéra national de Paris (OnP) para interpretar Deputato Fiammingho em *Don Carlos* (Verdi). Desde 2014 Tiago integrou cinco produções da temporada principal da OnP, sendo Il Conte di Ceprano em *Rigoletto* (Verdi), Fiorello em *Il Barbiere di Siviglia* (Rossini), Un Chevalier em *Le Roi Arthur* (Chausson), Il Marchese d'Obigny em *La Traviata* (Verdi) e ainda *Un Député*

Flamand em *Don Carlos* (Verdi). Anteriormente foi membro do Atelier Lyrique da OnP, entre 2012 e 2014, interpretando o papel principal em *Don Giovanni* (Mozart); Junius em *The Rape of Lucretia* (Britten); Bonafede em *Il Mondo della Luna* (Haydn) e Enrico em *Isola Disabitata* (Haydn). No Teatro Nacional de São Carlos foi recentemente L'Horloge Comtoise e Le Chat em *L'Enfant et les Sortilèges* (Ravel) e Dancaire em *Carmen* (Bizet), papel que também interpretou no The Grange Festival, em Inglaterra. Foi ainda Mercutio em *Roméo et Juliette* (Gounod) no Savannah Voice Festival; Le Chanteur de Sérénade em *Les Caprices de Marianne* (Sauget) e interpretou o papel principal em *Don Giovanni* (Mozart) no Estates Theatre, em Praga. Tiago Matos é licenciado em Canto pela Universidade de Aveiro, sob a orientação de Isabel Alcobia e estuda atualmente com Michelle Wegwart.

Amyra León



© DR

AMYRA é música, dramaturga, autora e educadora. Conta com numerosas digressões nos EUA e no Reino Unido, tendo colaborado com instituições como a BBC, a Roundhouse e a Amnistia Internacional, entre outras. Ex-aprendiz da Nuyorican Slam Team, funde música e poesia através de atuações com uma transparência marcante, focadas nas desigualdades sociais e celebrando o amor, a negritude e o que significa ser mulher. É autora de duas antologias poéticas, *the water under the bridge* e *Mouth Full of Concrete*, e está a desenvolver vários projetos literários. A sua estreia musical, *Something Melancholy*, levou-a a partilhar o palco com personalidades como Talib Kweli, Common, Melanie Fiona e Alice Smith.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

© GEMÁRCIA LIESSA

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.



IMG. CAPA © LAIA ABRIL

GULBENKIAN.PT
